

*O homoerotismo em evidência no
naturalismo brasileiro: uma análise do
romance Bom-Crioulo, de Adolfo
Caminha*

Homoeroticism in evidence in Brazilian naturalism: an
analysis of the novel Bom-Crioulo, by Adolfo Caminha

Rian Lucas da Silva¹; Golbery de Oliveira Chagas Aguiar Rodrigues²

Resumo: Este artigo busca analisar algumas das principais características do naturalismo brasileiro e, para isso, adota como objeto de estudo a obra *Bom-Crioulo*, publicado, inicialmente em 1895, do escritor cearense Adolfo de Caminha, a fim de comprovar tais características dentro da obra supracitada, mostrando os motivos que a levam a ser classificada como pertencente ao naturalismo. Além disso, debate-se, ao longo do trabalho, a temática do homoerotismo, de modo a apresentar a maneira como os personagens homossexuais, Aleixo e Amaro, são abordados, bem como a forma como eles são encaixados dentro do

¹Pós-graduando em Docência com ênfase na educação básica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG); graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3810-6316>. E-mail: rian.pd2013@gmail.com.

² Graduado em Letras (2005) e Mestre em Literatura (2008), ambos na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Atualmente é professor do campus Campina Grande, onde coordenou o Profuncionário, política pública nacional de capacitação de servidores públicos da educação básica, modalidade EaD. Atua também como docente de Letras a distância. Já atuou como coordenador de Extensão e Cultura e atualmente é Chefe de Departamento de Ensino Técnico. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2953-4415>. E-mail: golbery.rodrigues@ifpb.edu.br.

romance. Desse modo, para comprovar todas as afirmações que serão feitas neste trabalho, são apresentados excertos de passagens do livro, no intuito de comprovar e dar veracidade às informações. Como principal fundamentação teórica, buscou-se embasamento em estudos de Leonardo Mendes (2003), Robert Howes (2005) e José Carlos Barcellos (2006). As discussões demonstram que Caminha foi um escritor à frente de seu tempo por ter escrito sobre temas que eram (e talvez ainda sejam) considerados polêmicos e escandalosos para a sociedade vigente da época.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Naturalismo; Homoerotismo; Adolfo Caminha; *Bom-Crioulo*.

Abstract: *This article seeks to analyze some of the main characteristics of Brazilian naturalism and, to this end, adopts as its object of study the work Bom-Crioulo, initially published in 1895, by the Ceará writer Adolfo de Caminha, in order to prove such characteristics within the aforementioned work, showing the reasons that lead it to be classified as belonging to naturalism. Furthermore, throughout the work, the theme of homoeroticism is discussed, in order to present the way in which the homosexual characters, Aleixo and Amaro, are approached, as well as the way in which they are fitted within the novel. Therefore, to prove all the statements that will be made in this work, excerpts of passages from the book are presented, in order to prove and give veracity to the information. As the main theoretical foundation, we sought support in studies by Leonardo Mendes (2003), Robert Howes (2005) and José Carlos Barcellos (2006). The discussions demonstrate that Caminha was a writer ahead of his time as he wrote about topics that were (and perhaps still are) considered controversial and scandalous for the current society of the time.*

Keywords: *Brazilian Literature; Naturalism; Homoeroticism; Adolfo Caminha; Bom-Crioulo.*

Introdução

Primordialmente, sabe-se que toda e qualquer literatura, desde que entendida como manifestação cultural, pode ser problematizadora, seja em aspectos sociais, culturais e, até mesmo, em aspectos que envolvam a questão da sexualidade e das experiências vividas por determinados sujeitos, conforme advertem Silva e Formiga (2023). A obra *Literatura e Homoerotismo em Questão* (2006), de Barcellos, salienta que:

O homoerotismo, tal qual o estamos entendendo a partir do trabalho pioneiro de Jurandir Freire Costa (Cf. COSTA, 1992: 21ss), é um conceito abrangente que procura dar conta das diferentes formas de relacionamento erótico entre homens (ou mulheres, claro), independentemente das configurações histórico-culturais que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, bem como da presença ou ausência de elementos genitais, emocionais ou identitários específicos. (Barcellos, 2006, p. 20)

Nisso, nota-se que a questão do homoerotismo perpassa o caráter temporal e tem ganhado espaço na literatura brasileira. Obras, como *O Ateneu* (1888) e *O Cortiço* (1890), portam, em seu enredo, personagens bissexuais ou, ao menos, alguns momentos em que esses personagens se envolvem em relações homoafetivas.

No entanto, *Bom-Crioulo* (2003), de Adolfo Caminha, é considerado como uma obra consagrada no tocante à produção literária naturalista brasileira, visto ser demarcada como o primeiro romance a tratar o assunto da homossexualidade como tema principal

na literatura brasileira, haja vista que, na literatura médica, essa temática ainda era encarada como uma patologia.

Não à toa, a obra foi motivo de escândalo tanto pela crítica literária quanto pela sociedade da época, sobretudo devido às mazelas vividas pelos marinheiros e aos temas ainda considerados tabus, como o sexo entre dois homens, inclusive, de diferentes etnias, pois: “[...] além de gay, ele é negro e trabalhador braçal. Juntam-se aí três características que, isoladas, já seriam suficientes para torná-lo invisível nos discursos predominantes que circulam pelos mais variados espaços sociais” (Dalcastagnè, 2015, p. 147).

Nesse sentido, este estudo se dá, basicamente, a partir de três momentos: em uma primeira análise, ressaltam-se pontos fulcrais da vida e da obra do autor; no segundo momento, apresenta-se um breve contexto histórico do naturalismo, para mostrar, na própria obra, as principais características que a tornam pertencente a esse movimento literário; por fim, mostra-se a forma como o autor apresenta a caracterização dos personagens homossexuais, levando em consideração a posição em que eles se encontram e, sobremaneira, a postura que adotam em uma relação homoafetiva.

Passeio literário: conhecendo o autor

Adolfo Ferreira Caminha nasceu no dia 29 de maio de 1867, em Aracati, no Ceará, mas se mudou com sua família para o Rio de Janeiro ainda criança. Ingressou na Escola Naval em 1883, chegando ao posto de segundo-tenente quatro anos depois. No ano de 1888, foi transferido, indo trabalhar em Fortaleza, onde, na capital do Ceará, passou a conviver com Isabel Jataí de Paula Barros, que largou o marido para viver com o escritor. O caso amoroso lhe rendeu a saída da Marinha e escandalizou a sociedade cearense.

Do relacionamento dos dois nasceram Nelkiss e Aglaís, suas duas filhas. Caminha morreu no dia 1 de janeiro de 1897, no Rio de Janeiro, vítima da tuberculose. Por ter falecido precocemente, deixou dois romances inacabados: *Ângelo* e *O Emigrado*. Entre suas principais obras, destacam-se: *Voos Incertos* (1886); *A normalista* (1893), *Bom-Crioulo* (1895) e *A Tentação* (1896).

O *Bom-Crioulo* provocou grande escândalo na sociedade da época, por abordar a temática da relação homoafetiva entre dois marinheiros: Amaro e Aleixo. Vale ressaltar

que, embora a narrativa tenha sido fonte de inúmeras críticas, foi ela que firmou a reputação literária do autor, tendo sido considerada como a sua melhor obra.

Adolfo Caminha foi e permanece sendo um dos representantes mais importantes do naturalismo brasileiro, por ser polêmico ao ter escrito obras com temáticas censuradas pela literatura tradicional. Para além disso, o escritor apresentava fortes ideais políticos, tendo em vista que apoiava a república e a abolição da escravidão. A partir disso, é notória a importância da figura do autor quer para a literatura brasileira, no geral, quer para o contexto histórico daquela época, justamente por despontar como um dos precursores em temáticas, até então, relegadas ao esquecimento.

Aspectos naturalistas na obra *Bom-Crioulo*

Antes de apresentar os aspectos que caracterizam a obra como pertencente ao naturalismo, é preciso entender, embora de forma breve, o contexto histórico-social em que o naturalismo surgiu para que, somente após, se dê início à análise naturalista do texto literário.

O naturalismo surgiu na Europa durante a segunda metade do século XIX, tendo como precursor o escritor francês, Émile Zola, com a obra *Romance Experimental*, em 1880. Naquele momento histórico, a Europa se caracterizava pela consolidação do poder da burguesia, com suas bases ideológicas (o liberalismo político) e bases materiais (o liberalismo econômico) estabilizadas.

Por um lado, esse processo se traduz na implementação acelerada do sistema capitalista, cujo avanço industrial já esboça a mecanização do mundo e da vida que caracteriza a sociedade moderna. No que se refere aos fatores de modernização desse período, destacam-se o uso crescente da eletricidade e a maior eficiência das comunicações.

Várias foram as correntes científicas e filosóficas que constituíram os principais alicerces do período, dentre as quais se destacam: o evolucionismo de Darwin; o determinismo histórico e geográfico de Taine; o positivismo de Augusto Comte; o socialismo científico de Marx e Engels.

Desse modo, evolução, progresso e processo surgem como palavras que predominavam em todos os setores do conhecimento que elegiam a dimensão da

existência visível, material, mensurável, traduzível em fórmulas acabadas, com seu valor absoluto e inquestionável.

Em Portugal, Eça de Queirós surge como um dos fundadores do naturalismo, com a publicação da obra *O Crime do Padre Amaro* (1875); no Brasil, o naturalismo brasileiro surgiu no ano de 1881, com a publicação de *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo. Como ilustra Lúcia Miguel Pereira:

[...] o ano de 1881 foi dos mais significativos e importantes para a ficção no Brasil, pois que nele se publicaram as Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis [...], e *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. [...] Havia [...] nesses dois livros de índole tão diversa, um traço comum: em ambos triunfava a observação. [...] dois escritores patenteavam repentinamente uma liberdade até então desconhecida, e conferiram assim ao romance um novo alcance. Começou-se a escrever para procurar a verdade, e não mais para ocupar os ócios das senhoras sentimentais e de um ou outro cavalheiro dado a leituras frívolas. (Pereira, 1973, p. 142)

A partir disso, pode-se considerar o naturalismo como um estilo que consiste fundamentalmente no exagero, na exacerbação da tendência racionalista do Realismo, em sua proposta básica de compromisso com a verdade objetiva das mazelas que denuncia, haja vista que – assim como o escritor realista – o escritor naturalista também pretende dissecar o real.

A partir dos fatos levantados até o momento, a obra *Bom-Crioulo* permitiu que Caminha firmasse a sua reputação na história da literatura brasileira ao abordar temas bastante ousados e diferentes daqueles que o público daquele tempo estava acostumado, como o triângulo amoroso; o crime passionai; o erotismo etc. Sabe-se, contudo, que o tema da homoafetividade já havia sido abordado por outros escritores brasileiros da época, como ocorre no romance *O Cortiço*, com a personagem Pombinha.

Em uma análise sobre o naturalismo, Alfredo Bosi apresenta a obra como:

Mais denso e enxuto [...], resiste ainda hoje a uma leitura crítica que descarte os vezos da escola e saiba apreciar a construção de um tipo, o mulato Amaro, coerente na sua personalidade que o move, pelos meandros do sadomasoquismo, à perversão e ao crime. (Bosi, 1970, p. 217)

Sendo assim, o livro apresenta algumas características próprias e específicas do naturalismo. Neste estudo, deu-se ênfase a quatro, sendo elas: o sensualismo e erotismo; a linguagem coloquial, clara e objetiva; apresentação de descrições minuciosas e o caráter findado na zoomorfização do homem. Logo, todas essas características citadas serão analisadas e, sobretudo, comprovadas por meio de trechos extraídos do próprio livro.

O sensualismo exagerado e a presença do erotismo compõem a primeira característica do naturalismo analisada neste trabalho, tornando-se evidente durante quase toda a obra, como, no trecho:

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo!... (Caminha, 2003, p. 34)

No fragmento acima, percebe-se a forma como o personagem Amaro usa esse sensualismo exagerado somente ao imaginar o seu companheiro de Marinha, Aleixo. A linguagem clara e objetiva também é característica marcante do naturalismo e, no livro, isso acontece em quase toda a obra, como no excerto a seguir, por exemplo, que demonstra esse uso da linguagem direta, quando o comandante da Marinha pretende discursar: “O comandante, depois de um breve discurso em que as palavras “disciplina e ordem” repetiam-se, fez um sinalzinho com a cabeça e [...] começou a leitura do Código na parte relativa a castigos corporais” (Caminha, 2003, p. 17).

Outro aspecto que não deve ser desmerecido nem desconsiderado quando se fala em características próprias do naturalismo, diz respeito às descrições minuciosas que, em sua maioria, são bastante precisas e fiéis da realidade. Na obra, isso ocorre, por exemplo, quando os escravos eram chicoteados, prática essa bastante corriqueira durante o período da escravidão, no Brasil. Na sequência, nota-se que o narrador, por meio de recursos linguísticos, consegue ser minucioso e, sobretudo, detalhista durante todo o processo em que o personagem é açoitado.

Bom-Crioulo tinha despido a camisa de algodão, e, nu da cintura pra cima [...] já iam cinquenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor. [...] De repente, porém, Bom-Crioulo teve um estremecimento e soergueu um braço: a chibata vibrara em cheio sobre os rins, [...] Só então houve quem visse um ponto vermelho, uma gota rubra deslizar no espinhaço negro do marinho e logo este ponto vermelho se transformar numa fita de sangue. (Caminha, 2003, p. 23)

Entre as características naturalistas da obra, descritas até o momento, uma das mais relevantes, por sua vez, refere-se à zoomorfização do homem, ou seja, o personagem/homem ligado e guiado por instintos animais, como em: “[...] aparecia-lhe agora como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca de campo extraordinariamente excitada [...] Era incrível aquilo! A mulher só faltava urrar!”

(Caminha, 2003, p. 68). No excerto, essa visão é bastante perceptível quando o homem é comparado com animais e lhe são atribuídas qualidades de seres irracionais.

Enredo: a caracterização dos personagens homossexuais e outros aspectos essenciais

Antes de iniciar as apresentações das características dos personagens homossexuais nesta obra, torna-se de fundamental importância, primeiramente, compreender alguns pontos principais da obra.

Como a maioria das obras naturalistas trazem em sua composição temas sociais e polêmicos, em *Bom-Crioulo* isso não é diferente, uma vez que a própria temática já mostra a ênfase em temas como o relacionamento homoafetivo e o racismo. A obra *Bom-crioulo*, publicada em 1895, surge como o primeiro livro da literatura brasileira a tratar dessa temática de modo exclusivo, isto é, foca um enredo em um relacionamento homoerótico.

Sua composição estrutural se dá em 12 capítulos, e o enredo se passa na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, período marcado por teorias deterministas, cientificistas e tantas outras que já foram citadas ao longo deste artigo. Além disso, a obra é narrada em 3ª pessoa de forma linear e apresenta três personagens protagonistas que configuram um triângulo amoroso: Amaro, Aleixo e D. Carolina.

Amaro é o personagem principal, “[...] negro, muito alto e corpulento [...] era o Amaro, gajeiro de proa – o Bom-Crioulo na gíria de bordo” (Caminha, 2003, p. 21), o qual foi apelidado de Bom-Crioulo porque “[...] seu caráter era tão meigo que os próprios oficiais começaram a tratá-lo por Bom-Crioulo” (Caminha, 2003, p. 26). Logo no início do livro, o autor apresenta sua sexualidade:

Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a logo naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã. (Caminha, 2003, p. 30)

Aleixo, por sua vez, é quase o seu inverso, sendo visto como um grumete de apenas 15 anos, caracterizado como “[...] um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “coisas”” (Caminha, 2003, p. 22).

Já D. Carolina é mencionada como:

[...] uma portuguesa que alugava quartos na Rua da Misericórdia somente a pessoas de “certa ordem”. [...] Não fazia questão de cor e tampouco se importava com a classe ou profissão do sujeito. [...] Vivia de sua casa, de seus cômodos, do aluguelzinho por mês ou por hora. Tinha o seu homem, lá isso pra que negar? (Caminha, 2003, p. 50-51)

Após esse breve levantamento acerca do enredo e dos personagens, avalia-se, neste momento, como o autor apresenta, em sua obra, os aspectos que envolvem os personagens por meio do sensualismo e do erotismo, uma vez que as relações homoafetivas estão presentes no desenrolar de todo o romance.

O primeiro fator a ser analisado diz respeito ao fato de que o próprio Amaro parece ter se apaixonado pelo rapaz à primeira vista, conforme ilustra o trecho: “Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento em que seus olhos se fitaram pela primeira vez” (Caminha, 2003, p. 30).

Após esse primeiro encontro, Amaro adota a posição de personagem central e dominador na história, pois se coloca ao lado de Aleixo para defendê-lo sob quaisquer circunstâncias “[...] eu me chamo Bom-Crioulo, não se esqueça. Quando alguém o provocar, lhe fizer qualquer coisa, estou aqui, eu, para o defender, ouviu?” (Caminha, 2003, p. 30).

Por Amaro ter se colocado como dominador, conseqüentemente, o jovem Aleixo permanece na condição de dominado, tanto é que suas respostas a Amaro são repletas de um certo tom de timidez e de inocência:

Aleixo só fazia responder timidamente: – Sim senhor – com um arzinho ingênuo de menino obediente, e os olhos muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhados. (Caminha, 2003, p. 31)

Embora Aleixo tenha se sentido tímido diante das investidas do Bom-Crioulo, Amaro não consegue esquecê-lo: “E vinha-lhe à imaginação o pequeno com os seus olhinhos azuis, com o seu cabelo alourado, com as suas formas rechonchudas, com o seu todo provocador” (Caminha, 2003, p. 34). Diante desses pensamentos, Amaro, ao mesmo tempo que pensa no companheiro, passa por um momento de autorreflexão ao questionar o motivo pelo qual aquele grumete lhe teria tanto atraído, uma vez que:

Não se lembrava de ter amado nunca ou de haver sequer arriscado uma dessas aventuras tão comuns na mocidade, em que entram mulheres fáceis [...] aos

vinte anos [...] fora obrigado a dormir com uma rapariga em Angra dos Reis [...] por sinal dera péssima cópia de sim como homem; [...] Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? Tudo isto fazia-lhe confusão no espírito. (Caminha, 2003, p. 34)

É durante uma embarcação que há a primeira relação sexual entre os personagens. Após as várias investidas de Amaro, alguns presentes e até mesmo ter ficado impune de uma punição porque o Bom-Crioulo o defendeu, Aleixo, ainda virgem, ingênuo e tímido, cede aos caprichos do negro e ocorre a primeira consumação carnal, sendo Amaro o amante ativo e, conseqüentemente, Aleixo o passivo:

Bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. [...] Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, [...] lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca antes experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... (Caminha, 2003, p. 43)

Nesse trecho, percebe-se claramente que Aleixo se vê nervoso a ter uma relação sexual com o negro, tanto é que ele permaneceu, por um instante, imóvel e sem respirar. Entretanto, ele acaba cedendo à relação sexual porque, desde o começo da amizade, Amaro houvera sido muito gentil com ele: o que se confirma pela impunidade recebida e pelas promessas dirigidas.

Logo em seguida, essa cena foi descrita pelo narrador do seguinte modo: “E consumou-se o delito contra a natureza” (Caminha, 2003, p. 43), na qual demonstra, de forma bastante clara e objetiva seu posicionamento crítico à relação homossexual, na medida em que considera tal prática como “*antinatural*”.

É fato que essa relação homoafetiva entre os personagens se encontra fincada na relação entre dominador (Amaro) e dominado (Aleixo). Isso fica ainda mais evidente quando o negro, com seu poder autoritário, “[...] exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pelo: queria ver o corpo... [...] aquilo não era coisa que se pedisse a um homem! Tudo menos aquilo. Mas o negro insistiu [...] e o pequeno submisso e covarde, foi desabotoando a camisa de flanela, depois as calças, em pé, colocando a roupa sobre a cama, peça por peça. Estava satisfeita a vontade de Bom-Crioulo” (Caminha, 2003, p. 55-56).

À primeira vista, Aleixo não se sente agradável nessa relação em que está envolvido, mas, mesmo assim, continua aceitando todos os caprichos do negro, ocupando, portanto,

a posição inferior. de submisso. Vale ressaltar que o desejo egoísta do dominador Amaro, deu-se porque “[...] não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher à-toa”” (Caminha, 2003, p.55).

Essa relação durou pouco mais de um ano, até que Amaro foi transferido para outro navio e teve que se afastar do seu amado. Nesse tempo distante, D. Carolina resolve seduzir Aleixo, aproveitando-se da ausência de Amaro. Ela propôs ao rapaz que se deitasse com ela e que ele se tornasse seu novo amante. Nesse sentido, pela primeira vez o submisso inverte as condições e passa a ser, dessa vez, o amante ativo da história ao ter um caso com a mulher, pois, para Aleixo, “Devia de ser esplêndido a gente dormir nos braços de uma mulher! A portuguesa até que não era mazinha...” (Caminha, 2003, p. 66).

Em contrapartida, o relacionamento dos dois acabou evoluindo para uma relação mais séria. Aleixo percebeu que não parava de pensar na mulher e já estava completamente apaixonado, chegando até a desejar não ver mais o antigo amante, o Amaro.

Se fosse possível não me encontrar mais, nunca mais, com aquele negro, ah! que felicidade!, – pensava o grumete [...] e a figura da portuguesa, muito gorda e risonha, [...] dançava em sua imaginação, como um sonho diabólico... (Caminha, 2003, p. 69)

O trecho seguinte, por exemplo, evidencia a mudança de comportamento de Aleixo e realça o aspecto de que ele nem queria mais ver Amaro, demonstrando, assim, sua preferência pelo sexo oposto ao seu, e não mais ao sexo igual.

Aleixo nesse dia estava de folga, [...] veio a terra impelido por uma grande saudade que o fazia agora escravo da portuguesa. Receava encontrar Bom-Crioulo, ter de suportar com seus caprichos, com o seu bodum africano, com os seus ímpetos de touro, e esta lembrança entristecia-o como um arrependimento. Ficava abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. (Caminha, 2003, p. 82-83)

De acordo com Howes (2005, p. 172) “Aleixo começa a assumir uma mais assertiva masculinidade e esquece Bom-Crioulo”. O personagem, portanto, passa de um estado de dominado a dominador. É por essa razão que Aleixo é considerado, de acordo com a teoria de Forster (1974), como um personagem redondo, tendo em vista que, ao longo de toda a narrativa, ele vai perdendo a timidez e a inocência e, aos poucos, vai re(descobrir) sua sexualidade.

Agora sim Aleixo poderia, de fato, ser inserido e enquadrado nos padrões da época, uma vez que deixou de lado um homem e negro e passou a conviver com uma mulher, e branca. Com esse novo comportamento adotado, certamente seria mais aceito pela sociedade heteronormativa e excludente.

Assim, enquanto Aleixo estava feliz com sua companheira, Amaro foi impedido de desembarcar do navio pelo fato de ter sido considerado como um “homem perigoso”. Por outro lado, na primeira oportunidade que surgiu, Amaro, repleto de saudades do seu amante, dirige-se ao quartinho que ambos haviam alugado e, para sua infelicidade, não encontra o grumete. Logo em seguida, encaminhou-se ao bar e, por ter ficado bastante bêbado, arranhou uma confusão e foi levado à prisão.

Enquanto estava na prisão, seu único desejo era poder ver Aleixo e, ao menos, receber notícias de seu amado. No entanto, foi açoitado novamente e ficou ferido a ponto de precisar ser levado ao hospital. Ferido e, agora, acamado, Amaro começa a ouvir boatos de que Aleixo estaria com uma mulher e, como já era de se esperar, enfureceu-se.

Torna-se parte da personalidade do personagem a constância com que ele sente fúria e raiva, sentimentos e emoções esses decorrentes, muitas vezes, de um ciúme exacerbado e de uma falsa ideia de posse do outro que ele parece ter sobre seu companheiro. Tais comportamentos de braveza se associam até mesmo com o seu próprio nome, Amaro, em que, pensando em uma base etimológica, aponta para uma significação que remonta ao ideal de “amargo”.

A narrativa muda de perspectiva quando Amaro, finalmente, consegue tramocar um plano para fugir do hospital e, voltando à Rua da Misericórdia, recebe informações de que o rapaz está em um relacionamento com D. Carolina, sua velha amiga de estrada. Após saber disso, em um acesso de fúria, “Os olhos do negro tinham uma expressão feroz e amargurada, muito rubros, cruzando-se, às vezes, num estranho estrabismo nervoso de alucinado” (Caminha, 2003, p. 117), encontrou Aleixo andando pela rua, segurou-o e, logo em seguida, acertou-o com uma punhalada e o matou.

Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida pra trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul escuro da camisa e a calça branca tinham grandes nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados. (Caminha, 2003, p.118)

O final da obra, não obstante seja trágico, é bastante interessante, pois foge de padrões quando se trata de temática homoafetiva, uma vez que “[...] narrativas explicitamente homoeróticas, [...] terminam sempre com a morte violenta do homossexual” (Mendes; 2003, p. 41). Nessa narrativa analisada, todavia, quem morre é Aleixo, ou seja, o personagem agora visto como “hétero”, embora seja ainda possível pensar em uma orientação sexual direcionada à bissexualidade.

É pertinente mencionar, ainda que, em alguma medida, o romance apresenta um estilo de casal que difere do ideal de casal romântico. Esse contraste, nesse sentido, pode apontar justamente para uma necessidade de quebra de paradigma estético, pois, com o final trágico, vê-se que as noções de amor também se tornam abaladas.

Por fim, é assim que termina o romance de Adolfo Caminha: uma história surpreendente que buscou representar, dentre tantas temáticas, comportamentos sexuais desviantes de uma norma preestabelecida por condutas puramente heteronormativas, que ainda insistem em relegar ao nada aqueles que destoam de seus preceitos morais.

Considerações finais

Por meio das ponderações levantadas durante o desenvolvimento deste artigo, ficou evidente que a obra analisada é pertencente ao naturalismo brasileiro, por conter, em sua composição e estrutura, características peculiares e, além disso, específicas desse movimento literário, como: a zoomorfização dos personagens, a qual dá ênfase ao lado animalesco do homem; o uso da linguagem sem rodeios, ou seja, direta e objetiva; as descrições minuciosas e detalhistas e, por último, mas não menos importante, a presença da sensualidade exagerada e do erotismo exacerbado.

Além disso, conclui-se também que a caracterização dos personagens homossexuais se dá por intermédio de uma relação baseada na ideia de submissão e sujeição, na qual, em um determinado momento do romance, Amaro é visto como o dominador da relação e, em outro momento, Aleixo deixa de ser submisso e passa a ser dono de sua própria história. Essa inversão de comportamentos entre os personagens, por sua vez, foi o que ocasionou o desfecho fatal do personagem Aleixo, uma vez que Amaro não aceitou vê-lo com outra pessoa a não ser ele.

Logo, a obra é, ao mesmo tempo, importante e bastante ousada. Importante porque surge como obra pioneira no romance brasileiro ao tratar temas de modo exclusivo – a homossexualidade – e ousada porque o autor toca fundo nas feridas e nas mazelas de uma sociedade bastante arcaica, preconceituosa e pós-escravocrata. Dessa forma, Caminha se destaca como um literato brasileiro bastante corajoso e destemido por ter escrito uma obra com temas sociais polêmicos que marginalizavam aquela época, sendo a raça humana branca concebida como seres “superiores”.

Nesse contexto, Adolfo Caminha se mostra como um autor à frente de sua era ao escrever, pela primeira vez, um romance com personagens protagonistas homossexuais e, sendo um deles, negro e da Marinha. Desse modo, não era de se espantar que, tal obra, viesse a ser bastante criticada e vista com maus olhos pela sociedade de sua época, causando, pois, polêmicas e indignações.

O livro *Bom-Crioulo*, embora lançado há tantos anos, marcou seu aspecto atemporal na literatura, uma vez que determinados posicionamentos, como o racismo e a homofobia, permanecem vigentes na sociedade hodierna. É inegável, à vista disso, que tanto o autor quanto a obra adentraram para a história da literatura brasileira.

Referências

- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Retrato sem parede: o Bom Crioulo, de Adolfo Caminha. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, v. 1, n. 24, 2015.
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1974.
- HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha. João Pessoa, UFPB. **Graphos, Revista da Pós-Graduação em Letras**, Vol. 7. n. 2/1, p. 171-190, 2005.
- MENDES, Leonardo. Naturalismo com aspas: Bom-Crioulo de Adolfo Caminha, a homossexualidade e os desafios da criação literária. **Revista Gragoatá**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 14. p. 29-44, 2003.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura brasileira. Prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. 1ª Ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1973.
- SILVA, Rian Lucas da; FORMIGA, Girlene Marques. A luta pela humanização em Alma, de Itamar Vieira Junior. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v.5, n. 3, 2023.